

**A METALINGUAGEM COMO RECURSO NARRATIVO
NO ROMANCE *CARTAS DE UM DIABO AO SEU APRENDIZ*, DE C. S. LEWIS**

**METALANGUAGE AS A NARRATIVE RESOURCE IN THE NOVEL *THE
SCREWTAPE LETTERS*, BY C. S. LEWIS**

Denise Araujo Barbosa Alexandre¹

Carlos Eduardo Bezerra.²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar a metalinguagem como recurso narrativo no romance *Cartas de um diabo ao seu aprendiz* (1942) de C. S. Lewis, considerando a construção do discurso do narrador e a forma de transmissão da mensagem proposta através do gênero epistolar. A partir de uma pesquisa bibliográfica e de abordagem qualitativa, observa-se a presença e o uso da metalinguagem no romance, evidenciando-a como elemento estruturante do enredo. Ao explorar a temática religiosa e desenvolver diferentes questões ao longo das 31 cartas que compõem a obra, o narrador - uma personificação maléfica, o diabo - expõe opiniões, oferece sugestões e articula planos de ação para seu aprendiz. Durante a execução desses planos, a metalinguagem se manifesta na alternância entre o ato de narrar e a condição de personagem, já que o próprio demônio discute a maldade a partir de sua perspectiva.

Palavras-chave: Literatura Inglesa; C. S. Lewis; Gênero epistolar; Metalinguagem.

ABSTRACT: This study aims to analyze metalanguage as a narrative resource in C. S. Lewis' novel *Letters from a Devil to His Apprentice* (1942), considering the construction of the narrator's discourse and the way the message is conveyed through the epistolary genre. Based on bibliographic research and a qualitative approach, the presence and use of metalanguage in the novel is observed, highlighting it as a structuring element of the plot. By exploring religious themes and developing different issues throughout the 31 letters that make up the work, the narrator—an evil personification, the devil—expresses opinions, offers suggestions, and articulates plans of action for his apprentice. During the execution of these plans, metalanguage manifests itself in the alternation between the act of narrating and the condition of the character, since the devil himself discusses evil from his perspective.

Keywords: English Literature; C. S. Lewis; Epistolary genre; Metalanguage.

¹ Graduanda em Letras - Língua Portuguesa, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/Instituto de Linguagens e Literaturas. Email: denisearaujo925@gmail.com

² Orientador, Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/Instituto de Linguagens e Literaturas. Email: cadubezerra@unilab.edu.br

Introdução

As obras literárias ficcionais são escritas por autores que desejam contar uma determinada história através dos elementos intratextuais. Além disso, os autores têm também como recurso o contexto (ROSENFELD, 2009). Se de um lado os autores podem contar com personagens, tempo, espaço, narrador, figuras de linguagem etc. Do outro, eles têm a História. No contexto em que o romance em tela foi escrito, e publicado em 1942, ocorria a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) e muito provavelmente o autor estava impactado pelos efeitos nocivos do conflito bélico. Por esse motivo, ele focou as suas narrativas ficcionais na temática cristã e, muitas vezes, na literatura infantil, como ocorre no livro que foi investigado nesta pesquisa: *Cartas de um Diabo ao Seu Aprendiz*, de C. S. Lewis (1942).

Assim, neste artigo são apresentados os resultados de uma pesquisa do tipo bibliográfica e qualitativa (SEVERINO, 2007), desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo objetivo principal foi analisar o papel da metalinguagem (CAMPOS, 2006) como um recurso narrativo na construção do discurso no romance epistolar citado. Os objetivos específicos foram: a. identificar como a metalinguagem se manifesta no discurso do narrador; b. perceber a metalinguagem como elemento estruturante do discurso literário.

Sobre o gênero textual investigado, vale destacar que o romance epistolar (FUSARO, 2016) (MIRANDA, 2006), confere à obra uma proximidade do narrador com o leitor. No caso da obra analisada, este, o leitor, não necessariamente deseja essa proximidade, pois o Diabo é uma personificação não bem quista de boa parte dos leitores no Ocidente cristão, trazendo para figura do narrador a desconfiança e fazendo com que o assunto de cada carta seja repensado pelo leitor.

O problema da argumentação é que ela transporta toda a batalha para o território do Inimigo. Ele também pode argumentar; por outro lado, graças à propaganda realmente prática do tipo que estou sugerindo, temos demonstrado, por séculos a fio, como o Inimigo é inferior ao Nosso Pai nas Profundezas”. (LEWIS, 1942, p. 18)

Percebe-se, então, que sua “manipulação” ocorre quando introduz um conselho aparentemente ingênuo, porém, vindo de uma figura culturalmente maléfica. Então, o leitor desconfia e daí se espera a interpretação oposta: aquilo que o narrador condena (a razão e a argumentação) é justamente o que pode conduzir o ser humano ao bem.

Essa forma literária pode ser entendida, segundo Foucault, como uma “narrativa epistolar de si próprio, que propicia a coincidência do olhar do outro e daquele que se volve para si

próprio, serve simultaneamente para um e para o outro, independente do objetivo da carta: são empréstimos recíprocos, quem ensina instrui-se” (2006, p. 132). A carta, portanto, permite explorar funções metalinguísticas e a ironia discursiva, criando um diálogo indireto com o leitor e estimulando a reflexão sobre os temas apresentados.

Nesse mesmo sentido, Kohlrausch (2015, p.150), afirma que a “carta exerce sua função de documento expressivo porque permite, ao mesmo tempo, o olhar do outro e o retorno de si para si mesmo, servindo simultaneamente a ambos e constituindo-se, desse modo, em um elemento formador.” O gênero epistolar, assim, possibilita a abordagem de assuntos de maneira intimista, conduzindo o leitor a explorar e repensar seus posicionamentos morais. Como destaca Kohlrausch, o corpo das cartas vai desde a “descrição detalhada das sensações corpóreas, das impressões de mal-estar e perturbações que se terão podido experimentar, até conselhos que se considera úteis ao correspondente” (2015, p.149), assim como lembranças de efeitos do corpo sobre a alma e os respectivos resultados de um sobre o outro e vice-versa ou ainda a reprodução de movimento que leva de uma impressão subjetiva a um exercício de pensamento. Tal subjetividade e exercício de pensamento característico das cartas é transportado para o romance, e isso demonstra que talvez a escolha da escrita em forma de romance epistolar não tenha sido à toa, existem técnicas narrativas envolvidas, mas também pode haver história e experiências de vida. Isso dito, passamos as demais partes do texto.

2. O contexto

A história por trás de um livro vem bem antes de sua edição; ela é carregada de um contexto com linhas históricas, de momentos vividos pelo autor e de períodos em que a sociedade a influencia e como a obra se encaixa nesse meio interminável de informações. Pensando nisso, inicia-se esta pesquisa pelos primeiros passos que geraram como resultado a obra *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz* (1942) escrita por C.S. Lewis.

Clive Staples Lewis nasceu em Belfast, Reino Unido, no ano de 1898. Desde muito jovem, teve uma vida turbulenta, marcada pela perda imensurável de sua mãe, o que gerou uma transição delicada em sua vida. Ao se mudar para a Inglaterra, foi para um internato se separando do pai e do irmão. Em 1914, no mesmo ano em que Lewis iniciou seus estudos em Oxford, houve o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando da Áustria-Hungria em Sarajevo. Este assassinato desencadeou o início da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), após a Alemanha declarar guerra contra a Rússia e invadir a Bélgica para assim atacar a França.

Com a Alemanha seguindo contra a França, a Inglaterra de C. S. Lewis entra na Guerra fazendo com que ele precise cumprir o alistamento aos 18 anos, em 1916, mesmo ganhando a bolsa de estudos em Oxford. Por isso, o jovem Lewis acaba adiando seus planos acadêmicos. Durante a guerra, tornou-se tenente e em 1918 quando liderava um grupo de homens na Ofensiva da Primavera alemã, C. S. Lewis foi atingido gravemente em batalha e assim retornou ao seu país para se recuperar. Ao retornar e se recuperar, finalizou os estudos em Oxford e construiu uma carreira de 29 anos na mesma universidade, tornando-se professor de línguas e literatura em 1925:

[...] Logo no início das férias a Inglaterra declarou guerra. Meu irmão, então de licença de Sandhurst, foi convocado. Algumas semanas mais tarde fui encontrar o sr. Kirkpatrick em Great Bookham, no condado de Surrey. (LEWIS,1998, p. 135-136)

...no continente, continuava a inábil carnificina da Primeira Guerra alemã. Assim, já prevendo que provavelmente duraria até eu atingir a idade do serviço militar, fui forçado a tomar uma decisão que a lei havia tirado das mãos dos meninos ingleses da minha idade; pois na Irlanda não havia a figura do alistamento obrigatório. (LEWIS,1998, p. 164)

A morte da mãe já citada e a experiência dele na Primeira Guerra Mundial foram eventos marcantes em sua vida, pois as duas experiências lhe afastaram por um longo tempo da religiosidade que a sua mãe tanto o incentivara.

A morte de minha mãe proporcionou-me aquilo que alguns (mas não eu) talvez considerem como minha primeira experiência religiosa. Quando seu quadro clínico foi dado como irreversível, lembro-me bem do que me ensinaram: que as orações feitas com fé seriam atendidas. Assim, decidi-me a produzir, [...] quando ela, porém, morreu, mudei de tática e esforcei-me por acalantar a crença de que deveria acontecer um milagre. O interessante é que minha decepção não produziu consequências mais sérias. A coisa não tinha funcionado, mas eu já me acostumara a coisas que não funcionavam, e não voltei a pensar no assunto. (LEWIS,1998, p. 27-28)

Após a perda do pai, em 1929, com a Inglaterra ainda fragilizada pela Guerra, naquele mesmo ano ocorreu a Grande Depressão Econômica, momento economicamente sensível para a população estadunidense, inglesa e mundial. Ele estava vivendo mais um momento histórico periclitante da primeira metade do século XX. Talvez a experiência de ver o mal da guerra tão de perto o fez refletir sobre o motivo de haver um Deus e que este “permitisse” o mal que tanto viu durante esse período juntamente com a morte da mãe, o momento de fragilidade do luto, a separação do irmão e a perda do pai, relacionada ao momento econômico histórico. Tudo isso

pode ter influenciado Lewis a voltar-se ou ser mais suscetível às falas de sua mãe sobre a importância da religiosidade apresentada desde cedo. Foi então que passou a estudar mais sobre a religião, a dialogar com amigos do trabalho como Tolkien, reconhecido por fazer alegorias cristãs em suas obras, como a trilogia do *Senhor dos Anéis*, como podemos notar nas primeiras páginas do livro *J.R.R. Tolkien e C. S. Lewis: o dom da Amizade*, de Colin Duriez (2018).

Com tudo isso, em 1931, Lewis converteu-se conscientemente ao Cristianismo. Esse processo influenciou profundamente sua produção literária, pautada em reflexão ética, moral e espiritual. Foi através da amizade com Hugo Dyson, um renomado estudioso inglês, e J.R.R. Tolkien, um dos autores mais clássicos da literatura inglesa, que Lewis passou a ver o cristianismo com bons olhos. Eles se conheceram em um pequeno grupo literário em Oxford chamado The Inklings (SOUZA,2023). Tolkien e Dyson tiveram uma influência fundamental na conversão de C.S. Lewis ao cristianismo. Eles passaram horas debatendo com Lewis sobre Deus, e segundo muitos estudiosos, isso foi fundamental para a conversão de Lewis (SOUZA, 2023).

Sua trajetória literária começou com *O regresso do Peregrino* (1933), seguida por outras obras com temática religiosa, incluindo *Cartas de um Diabo ao Seu Aprendiz* (1942), *Milagre* (1947), *O Problema do Sofrimento* (1949), *Cristianismo Puro e Simples* (1952) e as *Crônicas de Nárnia* (1950–1956). Outra característica predominante em suas obras é a representação de uma ‘batalha’ de conflitos, ideias, posicionamentos, por exemplo: em seu primeiro livro relacionado a temática religiosa - *O regresso do peregrino* - de 1933, ele aborda o conflito do personagem com a religião, como uma ‘batalha’ teológica das prováveis dúvidas de sua mudança de pensamento. Ressaltamos que foi justamente no início da década de 1930 que Lewis tornou-se cristão. Já em *Crônicas de Nárnia* (1950–1956), ele aborda de maneira figurada os conflitos que viveu sua geração nas duas Grandes Guerras do século XX, já que em Nárnia existe um constante retorno às guerras e como elas foram enfrentadas. Nas obras podemos perceber o embate novamente entre o bem e o mal que pode fazer parte dos pensamentos ideológicos que Lewis enfrentara na realidade vivida, como, por exemplo, o nazismo e o fascismo contra a democracia dos aliados,

Ainda a considero uma estrada muito natural, mas agora sei também que é uma estrada muito raramente percorrida. No início da década de 1930, eu não sabia disso. Se eu tivesse alguma noção de meu isolamento, teria ou me mantido em silêncio sobre minha jornada, ou feito um esforço de descrevê-la dedicando mais atenção às dificuldades do leitor. (LEWIS, 1933, p.12)

3. No meio do caminho tinha um diabo

A fama de Lewis começou com *Cartas de um Diabo ao Seu Aprendiz*, publicado originalmente pelo jornal semanário anglicano *The Guardian*³ entre 2 de maio e 28 de novembro de 1941. A impressão foi feita sem prefácio, gerando confusão entre os leitores, algo comum em ficção epistolar (DICKIESON, 2016; BRITANNICA, 2025). A ideia foi concebida no já citado contexto da Segunda Guerra Mundial, quando a Polônia foi invadida em 1º de setembro de 1939. Durante esse momento difícil, Lewis sempre ouvia as informações no rádio e no dia 19 de julho de 1940 não foi diferente: ele ouviu o discurso de Hitler, traduzido pela BBC, fato marcante para ele ao perceber diversas controvérsias em sua fala, e, em 21 de julho do mesmo ano, teve a inspiração para o livro durante um sermão na igreja, escrevendo logo em seguida uma carta para Warren, seu irmão, relatando a ideia e os acontecimentos daquele fim de semana (SOUZA, 2023; LAZARETTI, 2024).

Não se pode confirmar que de fato os acontecimentos estão diretamente ligados a ideia do livro, mas na carta enviada para seu irmão, Lewis apresenta as informações com mais ênfase, transmitindo uma ideia bem efervescente de que tudo teria uma conexão. Segue, abaixo, trechos de uma carta em que Lewis trata do assunto:

I don't know if I'm weaker than other people: but it is a positive revelation to me how while [Hitler's] speech lasts it is impossible not to waver just a little. I should be useless as a schoolmaster or a policeman. Statements which I know to be untrue all but convince me, at any rate for the moment, if only the man says them unflinchingly.

Before the service was over—one cd. wish these things came more seasonably—I was struck by an idea for a book wh. I think might be both useful and entertaining. It wd. be called As one Devil to Another and would consist of letters from an elderly retired devil to a young devil who has just started work on his first "patient." The idea wd. be to give all the psychology of temptation from the other point of view. (DICKIESON, 2016).⁴

Entre julho de 1940 e abril de 1941, Lewis escreveu *Cartas de um Diabo ao Seu Aprendiz*, enviando os manuscritos ao jornal *The Guardian*, que publicou uma carta

³ Fundado por Richard William Church em 1846, *The Guardian* foi um jornal da Igreja da Inglaterra até 1951.

⁴ Não sei se sou mais fraco do que outras pessoas: mas é uma revelação positiva para mim como, enquanto o discurso [de Hitler] dura, é impossível não vacilar um pouco. Eu seria inútil como professor ou policial. Afirmações que sei serem falsas praticamente me convencem, pelo menos por enquanto, se o homem as disser com firmeza.

Antes do fim do culto — um CD. Gostaria que essas coisas viessem mais oportunamente —, tive uma ideia para um livro que, acredito, poderia ser útil e divertido. Chamar-se-ia *De um Diabo para Outro* e consistiria em cartas de um demônio idoso e aposentado para um jovem demônio que acaba de começar a tratar seu primeiro "paciente". A ideia seria apresentar toda a psicologia da tentação sob o outro ponto de vista. DICKIESON, 2016. [tradução nossa], [acréscimo nosso]

semanalmente, iniciando em 25 de abril de 1941 com anúncio aos leitores sobre a nova história.

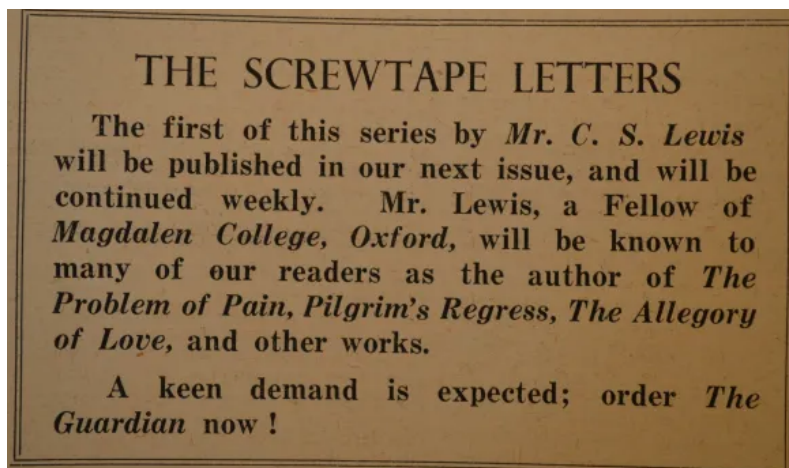


Imagem 1 - Anúncio da futura edição contendo as cartas.

Fonte: (DICKIESON, 2016)

As 31 cartas foram apresentadas semanalmente entre os dias 2 de maio e 28 de novembro de 1941. A ideia de publicar as cartas no jornal surgiu a partir do editor Ashley Sampson, que leu o material e convenceu Geoffrey Bles a publicá-lo. Em 5 de julho de 1941, ocorreu a publicação de um prefácio informativo para condução das leituras futuras das novas cartas, após reclamações dos leitores (DICKIESON, 2016; BRITANNICA, 2025). Devido à Primeira Guerra, o papel, que era o principal material para produção do jornal, estava mais escasso, e era mais difícil de se ter acesso às cartas. A sua popularidade foi bem mais lenta no início, já que teria que passar para um processo de encomenda ou um plano de assinatura, que dava o direito ao acesso no momento da publicação.

The Guardian
To our Readers

WE regret that, owing to the scarcity of paper, **THE GUARDIAN** will, in future, only be obtainable at bookstalls or newsagents by giving an order in advance to the bookstall or newsagent. Copies may, of course, be obtained direct from our office. The terms of subscription (including postage) are 13s. for a year; 6s. 6d. for six months; or 3s. 3d. for three months.

Readers who have not already given an order to a bookseller or newsagent should do so as soon as possible.

Readers who wish to become regular subscribers are asked to fill in the following form and send it to **THE GUARDIAN**, 4, Playhouse Yard, Blackfriars, London, E.C.4.

Please enter my subscription to **THE GUARDIAN** for months beginning with your next issue. I enclose

Signed :

Full Postal Address

Imagem 2 - Informativo sobre o novo processo para se ter acesso aos jornais
Fonte: (DICKIESON, 2016)

O motivo de ser o *The Guardian* o jornal escolhido para a publicação foi porque Lewis já tinha conhecimento sobre e tinha publicado mais três artigos nele e então não ofereceu os manuscritos a mais ninguém. O *The Guardian* aceitou publicar pagando o equivalente a 2 euros por carta na moeda de hoje, para tiragem total de 31 cartas, portanto 62 euros.

PRAYER IN WARTIME "A More Instructed Faith"

By the Abbot of Pershore
and Nashdom

THE PRESENT WAR, LIKE ITS PREDECESSOR in 1914-18, has produced several calls to national days of prayer and to prayer in general. No one can fail to be grateful for these calls, and for the response they have evoked, not only because of the numbers who have turned to God in prayer, but also for the indication thus given of our rulers' trust and hope in God. But we venture to suggest that, great as is the power of prayer, it is not the first task to which our countrymen need to be recalled. The Catechism teaches us that our primary and most important duty is to believe in God: and this faith in Him and in His Son our Saviour is required of all who would enter by baptism into the Church of Christ. Furthermore, to pray fruitfully presupposes, and involves the exercise of, a living and instructed faith, for it is prayer in Christ's name which is sure of being accepted and blessed. But to pray in Christ's name—that is to say, in His Person—demands that vital union with Him which is the outcome of faith in Him.

In the Gospels we find that our Lord wrought His mighty works not so much in answer to the prayer of His petitioners as in answer to their faith in Him. It was His constant practice to demand it, and His great joy to receive it: "O woman, great is thy faith, be it unto thee according to thy word". Similarly, in the Old Testament, in Elijah's defeat of the prophets of Baal on Mount Carmel, we see an act of faith in the living God triumphing over a day of prayer addressed to the false god. The prayer of Elijah obtained an immediate answer, short though it was; the prayer of many who prayed without faith in the true God remained ineffective, though it was both lengthy and fervent. We do not quote this incident in any criticism of those whose prayer is based on a vague and ill-instructed belief in a Supreme Being, but rather as an illustra-

THE SCREWTAPE LETTERS—I

By C. S. Lewis

MY DEAR WORMWOOD—I NOTE WHAT YOU say about guiding your patient's reading and taking care that he sees a good deal of his materialist friend. But are you not being a trifle naïf? It sounds as if you supposed that *argument* was the way to keep him out of the Enemy's clutches. That might have been so if he had lived a few centuries earlier. At that time the humans still knew pretty well when a thing was proved and when it was not; and if it was proved they really believed it. They still connected thinking with doing, and were prepared to alter their way of life as the result of a chain of reasoning. But, what with the weekly Press and other such weapons, we have largely altered that. Your man has been accustomed, ever since he was a boy, to have a dozen incompatible philosophies dancing about together inside his head. He doesn't think of doctrines as primarily "true" or "false", but as "academic" or "practical", "outworn" or "contemporary", "conventional" or "ruthless". Jargon, not argument, is your best ally in keeping him from the Church. Don't waste time trying to make him think that materialism is *true*! Make him think it is strong, or stark, or courageous—that it is the philosophy of the future. That's the sort of thing he cares about.

The trouble about argument is that it moves the whole struggle into the Enemy's own ground. He can argue too: whereas in really practical propaganda of the kind I am suggesting He has been shown for centuries to be greatly the inferior of Our Father below. By the very act of arguing, you awake a patient's reason; and, once it is awake, who can foresee the result? Even if a particular train of thought can be twisted so as to end in our favour, you will find that you have been strengthening in your patient the fatal habit of attending to universal issues and withdrawing his attention from the stream of immediate sense experiences. Your business is to fix his attention on the stream. Teach him to call it "real life".

Imagem 3 - Primeira carta publicada no jornal *The Guardian*.
Fonte: (DICKIESON, 2016)

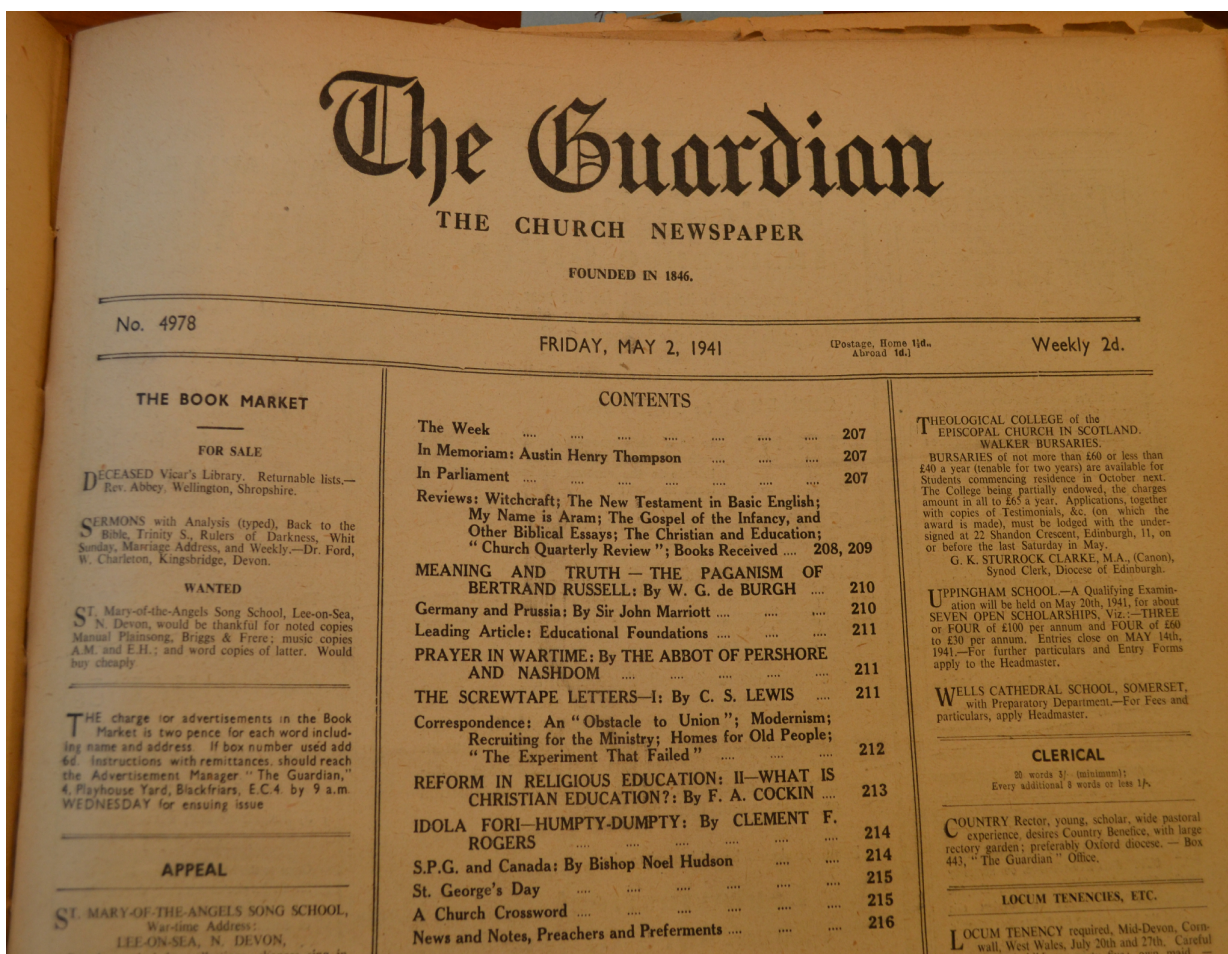


Imagem 4 - Capa do jornal *The Guardian*.
Fonte: (DICKIESON, 2016)

O processo de publicação do livro foi demorado. Iniciou-se em 1941, quando Lewis enviou o manuscrito juntamente com uma carta pessoal à editora Geoffrey Bles, em Londres. A correspondência ocorreu de julho de 1941 a fevereiro de 1942, e a publicação definitiva foi realizada em 9 de fevereiro de 1942, com prefácio editado (DICKIESON, 2016). Houve dezessete edições no total na Grã-Bretanha. Em 16 de fevereiro de 1943, a edição americana foi publicada e o livro ganhou repercussão internacional, recebendo traduções em italiano (1947), espanhol (1953), francês (1956), chinês (1958), russo (1981), africâner (1993), coreano (2000) e indonésio (2006) (DICKIESON, 2016).

Um romance epistolar que apresenta a perspectiva do narrador ‘Maldanado’, a representação do diabo, com cartas que respondem aos relatórios enviados por seu aprendiz, Vermelindo, apresentando estruturalmente em sua escrita saudação “Meu querido Vermelindo,” (LEWIS, 2017, p.17) e despedida “Com carinho, Seu tio, Maldanado” (LEWIS, 2017, p.20) características padrão de uma carta. Nessas cartas, o leitor obtém o ponto de vista do narrador, o Maldanado, em uma escrita em primeira pessoa e a opinião que o narrador tem

sobre o que irá ser discutido no decorrer da carta “Fiquei bastante contrariado com a notícia de que seu paciente se tornou cristão” (LEWIS, 2017, p. 21) As orientações para a resolução do problema e as sugestões de caminhos a serem tomados com cautela por seu destinatário: “Não alimente vãs esperanças de poder escapar das penalidades habituais. [...] Precisamos tirar vantagem dessa situação. [...] trabalhe duro na decepção ou no anticlímax que certamente sobreviverá ao paciente nas suas primeiras semanas na igreja”. (LEWIS, 2017, p. 21-23). Maldonado tende por toda a narrativa desviar o caminho do humano que é tratado quase como um instrumento de seus trabalhos: “Lembre-se de que você existe para confundi-lo. Como vocês jovens demônios falam, qualquer um pode achar que nossa tarefa é ensinar.” (LEWIS, 2017, p. 20), como um animal a ser domesticado para o mal: “Esses animaizinhos medíocres.” (LEWIS, 2017, p. 153).

Entre uma carta e outra, o homem comete erros, acertos, todos erros e acertos que podemos tomar naturalmente na vida: “Agrave essa característica mais humana, mais útil de todas, o horror e a negligência do óbvio”(LEWIS, 2017, p.27), e todos eles são vigiados por esse demônio que o tenta desviar, e levá-lo para junto da casa deles, o inferno: “O objetivo de nossa guerra é um mundo em que o Nosso Pai nas Profundezas tenham absorvido os outros seres em si.” (LEWIS, 2017, p.53). Dessa forma, incentivam um mau comportamento para com a mãe, com colegas, como fomentar intrigas e a raiva dentre os humanos: “[...] o induza a gastar mais do que pode e a negligenciar o seu trabalho e sua mãe. A surpresa e a inveja dela, além da ambiguidade ou da brutalidade de suas reações, serão inestimáveis para o agravamento da tensão doméstica” (LEWIS, 2017, p. 64) e essa construção levaria o leitor à reflexão.

Resgatando o que já foi dito anteriormente no início do artigo, C. S. Lewis foi atravessado por eventos históricos como as duas grandes guerras mundiais, sua experiência de quase morte na primeira guerra que foi a que batalhou, e foi afetado pela morte de sua mãe, contudo, os tais eventos que inicialmente deixaram-no afastado da religião, após conhecer Tolkien e outros amigos ele voltou-se à doutrina cristã. Tal retorno à fé e a ajuda que recebeu com esta fez com que Lewis expressasse sua estima pela fé cristã a partir de suas narrativas, uma influência que se manifesta não somente de forma temática, mas de maneira estrutural, envolvendo a narrativa e a filosofia que fundamenta suas obras. “Lewis, um convertido ao Cristianismo, utilizou suas convicções religiosas como um alicerce para sua literatura.” (SILVA, 2024, p.177).

A literatura de Lewis é repleta de simbolismos religiosos cristãos, como podemos notar na sua obra mais popular: *As Crônicas de Nárnia* (1950). Nela, o leão Aslam é uma

figuração de Cristo e o seu reino a ser alcançado é um simbolismo do paraíso bíblico. Como também podemos notar no livro base desta pesquisa, essa já de forma mais explícita, usando as palavras da religião em si, como o protagonista “Diabo” que escreve cartas que ensinam a estimulação de pecados para outro diabo mais jovem. Os símbolos estão também na doutrina e na defesa da mesma, já na primeira carta do livro o narrador já apresenta a construção da metalinguagem como um recurso narrativo, introduzindo uma resposta maléfica para um ser maléfico, a resposta de um diabo Veterano, personagem Maldonado, de uma carta recebida de seu aprendiz, o personagem Vermelindo, “Meu querido Vermelindo, Eu noto que você diz que está direcionando a leitura do seu paciente e se encarregando de fazer com que ele tenha encontros regulares com o tal amigo materialista.(LEWIS, 2017, p.17).

Observa-se também a formulação desse recurso, quando o narrador inicia com uma saudação calorosa “Meu querido Vermelindo” (LEWIS, 2017, p.17) e logo em seguida apresenta a sua face maléfica: “Mas será que você não está sendo um pouco ingênuo? Até parece que está achando que a argumentação seja o melhor modo de mantê-lo fora das garras do Inimigo.” (LEWIS, 2017, p.17) usando o termo ‘Inimigo’ como uma inversão de valor, onde o ‘bem’ é o inimigo. Junto a isto prossegue sua fala abordando a teoria filosófica, “...encontros regulares com o tal amigo materialista”. (LEWIS, 2017, p.17). que é camuflada a partir do ‘amigo materialista’, destacando a influência da filosofia materialista para o distanciamento da sua fé e razão. Abordando também logo em seguida que não se trata apenas de um caso isolado do ‘Paciente’, mas um problema social, ao se referir a sociedade do seu passado, quando as pessoas se aprofundavam mais nas informações, pensavam de forma crítica sobre os temas, “Até poderia ter sido esse o caso, há alguns séculos. Naquela época, as pessoas ainda sabiam muito bem quando algo tinha sido provado logicamente e quando não; e quando tinha sido provado, elas criam nisso de verdade. (LEWIS, 2017, p.17). Enquanto diferentemente das que vê no momento, que as pessoas são levadas pela mídia e na informação superficial “Mas, graças à imprensa diária e outras armas desse tipo, conseguimos alterar amplamente essa situação. (LEWIS, 2017. p17.)

Como forma de finalizar seu ponto de vista perante o problema, o narrador apresenta a orientação ao seu aprendiz, causando tanto a abrangência do modo de como o seu aprendiz deve ver a situação “Ele não classifica as doutrinas essencialmente em "verdadeiras" ou "falsas", mas como "acadêmicas" ou "práticas"; "ultrapassadas" ou "contemporâneas"; "convencionais" ou "opressoras". É o jargão, e não o argumento, o seu maior aliado para mantê-lo longe da Igreja.” (LEWIS, 2017, p. 18) como também traz uma reflexão ao leitor, onde o mesmo deve perceber a profundidade do problema enfatizado, utilizando o imperativo

como forma de destacar sua fala “Não perca tempo tentando fazê-lo achar que o materialismo é verdadeiro! Faça-o considerá-lo poderoso, ou despojado, ou corajoso, eis a filosofia do futuro. É com esse tipo de coisa que ele se preocupa. (LEWIS, 2017, p.18). Dessa forma a solução não está em uma fórmula do que se deve fazer, mas sim naquilo que se deve evitar para não ser.

Como mencionado anteriormente em trechos do romance destacado, existe uma defesa do pensamento cristão na obra em tela, contra por exemplo a filosofia materialista que crer apenas naquilo que pode tocar. Os pecados aqui defendidos pelo diabo é uma simbologia das crenças fortalecidas pela religião, escritas de modo a notarmos em “prática” e como o discurso a favor da mesma, sendo essa produzida de forma clara, tem o intuito de que observemos a verdadeira natureza dos ensinamentos bíblicos.

4. Uma meta entre tantas metas na linguagem do romance

No que tange à metalinguagem, que foi o foco principal desta pesquisa, é importante afirmar que ela é uma forma de linguagem que não é restrita ou privilégio apenas da literatura já que existem outras ‘metas’ (CAMPOS, 2013) que compõem a forma de transmissão da mensagem seja ela historicamente, na música, no cinema etc. Mas aqui estamos trabalhando com o valor poético dela dentro de um texto narrativo que é a germinação metalinguística ou tematizada, que procura “falar sobre o próprio código, ou estruturalmente, quando o código é, ao mesmo tempo falado e demonstrado” (CHALHUB, 1986, p. 71). Como forma de percepção desse recurso, temos um cenário no que se refere ao cinema fazendo cinema, por exemplo, o filme *Dor e glória* (2019) de Pedro Almodóvar, que traz em sua construção narrativa dois períodos distintos: o momento presente e o passado de um diretor de cinema. Observamos as duas histórias paralelamente até que a narrativa se entrecruza e percebemos que o passado é na verdade um filme sendo gravado pelo presente, ou seja, é o cinema fazendo cinema ou o cinema dentro do cinema. O mesmo vemos em *E la nave va*, de Federico Fellini, de 1983. Na literatura, vemos algo semelhante em *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, romance no qual Paulo Honório escreve um romance (OLIVEIRA, 2007). Ainda em língua portuguesa, podemos citar o caso de *Autobiografia*, de José Luís Peixoto e *A Caverna*, de José Saramago.

A ideia de metalinguagem, segundo Chalhuh (1986), vem do modelo de comunicação de Jakobson, que trata a função metalinguística como aquela que destaca o próprio código, ou seja, ela é usada para a comunicação explicar ou falar sobre a própria linguagem. “O código

do discurso literário.” (IVAN,2003, p. 40.) Quando aplicamos esse conceito na literatura, entende-se que o código é a linguagem usada para criar os discursos e textos. Sendo assim, na literatura, a linguagem como sabemos, serve para falar de si mesma, ou seja, do próprio discurso literário, fazendo com o que o leitor se envolva e se relacione com a construção do texto. Como Soares (2006) enfatiza “[...]toda obra possui características únicas e intrínsecas [...]que acabam por constituir uma “linguagem” ou, pelo menos, traços de linguagem.” (2006, p. 54.) Dito isso, percebe-se que a forma da metalinguagem é percebida como um elemento estruturante no discurso literário, quando ela permite que o texto fale sobre si, revelando seus mecanismos de construção e expondo o funcionamento da linguagem. Um recurso que gera um impacto dentro da narrativa e dialoga em uma constância de narrar e expor.

Cartas de um diabo ao seu aprendiz é um livro que carrega a metalinguagem como um recurso narrativo na maneira como o narrador é um personagem “Um sobrinho nunca deveria escrever esse tipo de coisa ao tio nem um tentador iniciante ao subsecretário de um departamento.” (LEWIS, 2017, p.31) percebe-se que Maldonado está escrevendo a carta e se referindo ao próprio ato de escrever, respondendo o seu aprendiz que ele não deveria respondê-lo de certo modo, e referenciando também suas posições pessoais e profissionais, de um sobrinho para um tio ou um tentador iniciante para o subsecretário. Relacionando o contato direto a história, onde o narrador é ativo durante toda a narrativa.

O propósito aqui é mostrar a metalinguagem no seu modo mais restrito, como um recurso, percebendo sua função “[...] centraliza-se no código: é código "falando" sobre o código. [...] uma operação tradutora: é linguagem "falando" de linguagem, é música "dizendo" sobre música, literatura sobre literatura, é palavra da palavra, é teatro" fazendo" teatro. “(CHALHUB,1986. p.32) Através do narrador, ao explorar a situação da sátira ao expor de forma ácida como seria a ação do maléfico, o diabo, agindo sobre o ser humano. Como também ao trazer de maneira didática as formas de uso de suas palavras, analisando e criticando os próprios códigos. Maneiras que trazem o interesse do espectador para o que está sendo dito e fazendo-o conhecer as próprias artimanhas do caminho do mal. Como percebemos no trecho a seguir:

lembre-se, Vermelindo, de que o dever vem antes do prazer. Se qualquer comodismo de sua levar à perda definitiva de sua presa, você será condenado a privar-se eternamente da bebida da qual só degustou o primeiro gole. Se, por outro lado, puder finalmente ganhar a alma dele com determinação e frieza, aqui e agora, então ele será seu para sempre um cálice vivo, cheio até a borda de desespero, terror e assombro que você poderá levar aos lábios quantas vezes quiser. (LEWIS, 2017, p.37)

No romance de Lewis a metalinguagem surge principalmente na maneira como o mal referencia-se por vários momentos do livro, ou seja, o mal personificado através do narrador Maldanado que usa em seus aconselhamentos através da representação das técnicas de manipulação para o caminho do mal, em suma, o mal falando do mal: “Não acho que você terá muita dificuldade para manter o paciente na escuridão. O fato de que os “demônios” são figuras predominantemente cômicas na imaginação moderna irá ajudá-lo” (LEWIS, 2017, p.47), Lemos também: “Uma vez que você tenha feito do mundo um fim e da fé um meio, terá conquistado o seu homem. [...] Há jaulas repletas de gente assim aqui embaixo” (LEWIS, 2017, p.50). Usando essa forma narrativa, o personagem não só age a partir de um ponto de vista maldoso, mas também articula suas instruções para com o receptor das cartas, o personagem Vermelindo, já que as cartas são endereçadas a ele: “Meu querido Vermelindo,” (LEWIS, 2017, p.51), que é instruído aos comandos e apresentando resultados dessas instruções a partir do momento que Maldanado responde diretamente a ele e as construções de seus plano: levar o Paciente de Vermelindo ao caminho do mal. Percebemos essa articulação e o plano narrativo de apresentar seu ponto de vista e caminhos que seu aprendiz deve seguir, no trecho abaixo:

Tudo o que o seu paciente vê é o simulacro de um prédio gótico construído pela metade. Quando ele entra nela, vê o dono da mercearia local vindo em sua direção para cumprimentá-lo com aquela bajulação, apressado para lhe empurrar um livrinho. [...] que contém textos alterados de várias canções religiosas, a maioria de mau gosto. [...] Se algum desses vizinhos desafinar na hora de cantar, ou fizer barulho com as solas dos sapatos, ou tiver queixo duplo, ou vestir roupas bizarras, o paciente vai acreditar facilmente que a sua religião só pode ser, por isso mesmo e de alguma forma, ridícula. (LEWIS, 2017, p. 22)

Quando Maldanado responde sendo uma personificação maléfica, o personagem traz como foco de discussão justamente o tratamento da construção da maldade, ou seja, tanto em quem está passando essas lições (a personificação do mal) quanto na maneira como apresenta a perspectiva para o interlocutor, e dessa forma gera uma reflexão e tal posicionamento, quando percebemos que é o mal ensinando comportamentos mundanos e dessa maneira jogando uma luz naquilo que parecia ser uma simples ação. A partir do conceito de Chalhub é notório perceber que essa construção está diretamente ligada à narrativa de Lewis, ao passo que não deixamos de continuar a linha tênue do falar sobre o mal a partir do mal. “Uma

ligação concreta ao símbolo dessa linguagem, a relação de linguagens - uma linguagem que se refere a outra” (CHALHUB, 1986, p.32) o concreto apontando para o simbólico.

A metalinguagem também é abordada na obra quando é referenciada a partir do narrador na marcação teórica da forma de escrita, ao passo que no momento que escreve a carta para o destinatário o narrador referencia o fato de escrever “As sugestões amadorísticas da sua última carta me alertaram para o fato de que está mais do que na hora de eu escrever para instruí-lo sobre o doloroso tema da oração.” (LEWIS, 2017, p. 31). No decorrer da narrativa o narrador enfatiza esse ato de escrita, apresentando estruturalmente o gênero epistolar e mencionando na história a ação de escrevê-la. “Espero que a minha última carta o tenha convencido de que o vale de apatia ou de "sequidão" pelo qual o seu paciente está passando no presente não irá, por si só, entregar a alma dele a você, mas tem de ser explorado apropriadamente.” (LEWIS, 2017, p. 56). Aqui podemos perceber que o narrador refere-se à carta enquanto a produz, tanto dando enfoque ao que escreve quanto mencionando cartas já enviadas, construindo assim o romance epistolar, e apresentando etapas direcionadas ao seu aprendizado.

Para uma melhor compreensão das ocorrências de metalinguagem no romance, apresentamos abaixo um quadro sintético localizando cada ocorrência no romance:

QUADRO SINTÉTICO DE OCORRÊNCIAS DE METALINGUAGEM NO ROMANCE	
PÁGINA	OCORRÊNCIA
p. 31	As sugestões amadorísticas da sua última carta me alertaram para o fato de que está mais do que na hora de eu escrever para instruí-lo sobre o doloroso tema da oração.
p.37	Lembre-se, Vermelindo, de que o dever vem antes do prazer. Se qualquer comodismo de sua parte levar à perda definitiva de sua presa, você será condenado a privar-se eternamente da bebida da qual só degustou o primeiro gole. Se, por outro lado, puder finalmente ganhar a alma dele com determinação e frieza, aqui e agora, então ele será seu para sempre um cálice vivo, cheio até a borda de desespero, terror e assombro que você poderá levar aos lábios quantas vezes quiser.
p.47	Não acho que você terá muita dificuldade para manter o paciente na escuridão. O fato de que os “demônios” são figuras predominantemente cômicas na imaginação moderna irá ajudá-lo.
p.50	Uma vez que você tenha feito do mundo um fim e da fé um meio, terá conquistado o seu homem. [...] Há jaulas repletas de gente assim aqui embaixo.

p. 56	Espero que a minha última carta o tenha convencido de que o vale de apatia ou de "sequidão" pelo qual o seu paciente está passando no presente não irá, por si só, entregar a alma dele a você, mas tem de ser explorado apropriadamente.
-------	---

No quadro acima é possível perceber as ocorrências do fenômeno que discutimos no decorrer desta pesquisa, a metalinguagem, à medida que a narrativa vai se desenvolvendo. Percebe-se, nas ocorrências das páginas 37, 47 e 50 apresentadas no quadro, a construção deste narrador, sendo o mal personificação que fala sobre a maldade, abordando os temas de maneira cruel e traçando planos para instruir o seu aprendiz. O que se assemelha na cultura popular ao pequeno ‘diabinho’ em filmes e animações televisivas onde notamos o mesmo atuando sentado ao ombro e falando ao ouvido ações que induzem o ser humano a realizá-las, relacionando a análise e crítica dos próprios códigos apresentados, através desta personificação do mal que narra o discurso. Já nos trechos vistos no quadro, nas páginas 31 e 56, é perceptível a construção do ato de escrita sendo realizado e comentado durante a ação de escrever, referindo-se à marcação de escrita e de ação. Como um destaque pontual no sentido de resgate e reconhecimento de território literário, que possibilita a retomada de consciência da temática discutida na carta.

Considerações finais

A literatura é campo de diversas possibilidades. Cada ação do autor dentro de um texto literário produz diferentes facetas no enredo. Na pesquisa realizada, escolhi analisar a obra *Cartas de um diabo a seu aprendiz* (1942) de C. S. Lewis, para demonstrar como a metalinguagem, enquanto recurso narrativo, impacta na construção do enredo. Aparecendo em diferentes elementos, sobretudo no narrador, que alterna entre o ato de narrar e a condição de personagem, sendo o próprio demônio discutindo a maldade a partir da sua visão. Através da autorreferência, ou seja, quando o texto fala sobre si, o narrador apresenta sua ‘verdadeira face’ comentando no decorrer da narrativa sobre o próprio ato de narrar.

Os elementos que compõem a narrativa, a voz, a forma e contexto de produção e composição estilística, desempenham um papel fundamental no propósito comunicativo de um enredo. O contexto de produção, o momento da escrita do autor no ato da realização da obra, o encaixe de ideias, o propósito por trás de uma história, tudo isso influencia no modo de como o enredo é construído e recebido. Ao ler a obra *Cartas de um diabo ao seu aprendiz*,

o leitor encontra um olhar novo crítico, ao passo que quando avança na leitura torna-se capazes de desvendar a forma, os procedimentos que estruturam o sentido do texto.

Lewis constrói uma perspectiva invertida, ao tratar a temática religiosa pelo ponto de vista do mal. O narrador, que é o demônio, desempenha um papel de conselheiro e orienta seu sobrinho na formação das técnicas do mal. A análise feita neste trabalho mostrou-nos como a metalinguagem articula o gênero epistolar, o narrador e o enredo. Sendo um romance epistolar, a forma das cartas facilita que o texto comente e revele seus mecanismos, sendo a metalinguagem um elemento estruturante. O gênero epistolar atua como uma ponte para que o narrador desenvolva uma proximidade com o leitor, mesmo que o diabo seja personificação não quista, seria justamente por esse ponto que se usaria a articulação, gerando uma desconfiança, ou seja, o formato contribui para autorreferênciação. No decorrer da obra, as cartas desempenham funções específicas, além de instruir o diabo aprendiz, Vermelindo, apresenta estratégias e procedimentos discursivos. O narrador, Maldonado, apresenta temáticas religiosas na visão de conselhos maléficos.

De forma explícita ele não mede cautela ao expor suas referências, deixando claro a posição do narrador: um diabo astuto e habilidoso na arte de manipular, que transmite seus ensinamentos por meio de símbolos, funcionando como fórmulas de doutrina e defesa. O narrador estrutura etapas e propõe respostas maléficas; ao enfatizar influências filosóficas e culturais, orienta o leitor para a visualização do problema e estimula a reflexão. Dessa forma, o aprendiz - e o próprio leitor - passam a perceber a profundidade da questão, entendendo que a solução não se encontra em instruções diretas, mas no reconhecimento daquilo que deve ser evitado pelo ser humano. Assim, o narrador corrobora para uma defesa de pensamento, com isso, revela a verdadeira natureza dos ensinamentos apresentados.

Utilizando-se de estudos relacionados à metalinguagem, o gênero epistolar e a fortuna crítica sobre romance e uma leitura cotejada da obra *Cartas de um diabo ao seu aprendiz* (1942), de C. S. Lewis. A análise provou que a metalinguagem contribui para a construção do discurso porque ela articula e constrói o tema a partir de um viés aparentemente simples, mas profundo, já que age de maneira estratégica, quando permite que o texto fale sobre si. A sua funcionalidade dentro da obra é de apresentar o ponto de vista de quem escreve, explorar a aproximação da conversa com leitor ao apresentar intenções, a dúvida e comentários das próprias ações, impactando no sentimento de questionar e visualizar mais de perto o propósito do narrador.

A hipóteses levantadas nesta pesquisa, como foco central se confirmou, pois a metalinguagem em *Cartas de um diabo ao seu aprendiz* (1942), de C. S. Lewis é utilizada

como recurso a fim de contribuir para a construção do discurso ao longo da obra. Como também as hipóteses específicas também foram confirmadas pois na obra a metalinguagem ocorre através de três formas: no narrador, na forma da narrativa e no gênero autorreferenciado, como também, permite que o texto fale sobre si, revele seus mecanismos de construção e exponha o funcionamento da linguagem.

Dessa forma concluiu-se que a relevância desta pesquisa está na possibilidade de revelar o papel estratégico da metalinguagem como elemento estruturante do discurso literário, em uma obra que se apoia na ironia e na inversão de ideias para transmitir sua mensagem. Sendo a literatura um conjunto de vasos onde todos podem beber para saciar a sede por conhecimento e esclarecimento. Essa pesquisa também se faz relevante no contexto geral da interpretação de uma obra literária, visto que os recursos narrativos que induzem um leitor a refletir sobre algo e tomar certas decisões nem sempre são notados. Uma sociedade que não se atenta ao texto e não entende tal recurso pode estar correndo perigo, uma vez que o mundo que nos cerca está cheio de técnicas para nos convencer de algo, seja ela para comprar algo, ir a algum lugar, consumir ou pensar.

Referências

- BRITANNICA. The Screwtape Letters. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/The-Screwtape-Letters>. Acesso em: 17 Ago. 2025.
- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2020.
- CHALHUB, S. *Funções da linguagem*. São Paulo: ática, 1991
- CHALHUB, S. *A metalinguagem*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1998.
- DICKIESON, Brenton. *How Screwtape was Introduced to the World*. Disponível em: <https://apilgriminnarnia.com/2016/04/25/how-screwtape-was-introduced>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- FUSARO, M. Da Literatura epistolar à E-pistolar: panorama em rede(finições). In: *Triade: comunicação, cultura e mídia*. Sorocaba, SP, v. 4, n. 8, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2763> Acessado em: 08 Nov.2025.
- FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: _____. *O que é um autor*. Lisboa: Vega, 1992, p. 129-160.
- JANKOWSKY, Bernhard. *A carta no romance - O romance em cartas*. Letras de Hoje, 2014.
- KOHLRAUSCH, R. Apresentação – Literatura: Gênero epistolar: a carta na literatura, a literatura na carta, rede de sociabilidade, escrita de si ... *Letrônica*, v. 8, n. 1, p. 148, 15 jul. 2015.

LAZARETTI, L. O demoníaco no romance Edward Allwills Briefsammlung, de Friederich Jacobi. In: *Pandemonium*. São Paulo, v. 26, n. 48, jan.-abr. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pg/a/yJ3Gq4yMLRPYjRNHgSyRfKd/?format=pdf&lang=pt> Acessado em: 01 Jun.2025

LEWIS, C. S. *Surpreendido pela alegria* I C. S. Lewis. Trad. Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

LEWIS, C. S. *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Trad. Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LIMA, et al. *Interfaces entre literatura e ensino: reflexões teórico-críticas e metodológicas*. Maranhão: Editora UEMA, 2024.

MIRANDA, Ana Paula de Melo; CUNHA, Camila Bandeira. *Caracterização do gênero epistolar: carta do leitor*. In: SOARES, Maria Elias (Org.). *Pesquisas em linguística e literatura: descrição, aplicação, ensino*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará-GELNE, 2006. p.42-44.

IVAN, M; O NARRADOR, A METALINGUAGEM E O ESPELHO REFLETIDO. Nucleus, [S. l.], v. 1, n. 1, 2010. DOI: 10.3738/nucleus.v1i1.221. Disponível em: <https://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/221>. Acesso em: 10 Nov. 2025.

OLIVEIRA, A M A S. Graciliano Ramos: a narrativa metalinguística e os cárceres da linguagem. In: *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, v. VI, n. XXII, jul.-set. 2007.

ROSENFELD, A. *Texto/Contexto – I*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim . Metodologia do trabalho científico. 23. ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA; SEGOBIA, R. L.; MORAIS, S. Entre Aslam e Jesus: a influência do cristianismo na obra de C.S. Lewis. *Caderno Intersaberes*, v. 13, n. 50, p. 176–193, 2024.

SOUZA, C. M. DE; CASTRO, W. DE P. Diabo nos contos A igreja do diabo, de Machado de Assis e em Cartas de um diabo a seu aprendiz, de C. S. Lewis. In: *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, v. 1, n. 31, 4 jun. 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cordis/article/view/67025> Acessado em: 01 Jun. 2025.

SOUZA, Daniel Silva de. O problema do mal em C. S. Lewis. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/252303/Pesquisa%20O%20Problema%20do%20Mal%20em%20CS%20Lewis%20Final.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 19 Ago. 2025.

SOARES, G. *Novas possibilidades em metalinguagem*. Uniceub.br, 2006.